

The background of the image is a close-up, top-down view of parched, cracked soil. The cracks are irregular and form a network of polygonal shapes across the entire frame. The color is a light, dusty beige or tan, with some darker shadows in the crevices of the cracks, giving it a textured, three-dimensional appearance.

RESENHA

OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO
OLHOS D'ÁGUA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

MARIA PAULA DE JESUS CORREA*

* Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

*Cada pedaço que guardo em mim
Tem na memória o anelar
De outros pedaços
E da história que me resta
Estilhaçados sons esculpem
Partes de uma música inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
Em que os de ontem, os de hoje,
E os de amanhã se reconhecem
Nos pedaços uns dos outros
Inteiros.*

“Roda dos não ausentes”, Conceição Evaristo¹

Ihos d’água, publicado pela Pallas Editora em 2014, é o quinto livro de Conceição Evaristo e sua segunda coletânea de contos. Lançado três anos depois da primeira coletânea, *Insubmissas lágrimas de mulher* (2011), o livro traz quinze contos que, por meio de personagens negras, mantêm e reforçam a prática da “escrevivência,² ao abordar a história daqueles que são repetidamente silenciados, principalmente pelo racismo, mas também pelas imposições econômicas e pelas tensões de gênero.

O primeiro conto, que dá nome à coletânea, “Olhos d’água”, parece anunciar ao leitor um mergulho pela biografia da narradora, bem como na de suas ancestrais e na de suas descendentes. Enquanto tenta lembrar, sem sucesso, qual a cor dos olhos de sua mãe, essa mulher negra revela como sua infância foi pobre e difícil em uma cidade de Minas Gerais, mesmo Estado onde nasceu e viveu na pobreza sua mãe, e também a escritora Conceição Evaristo, que deixou Belo Horizonte e foi para o Rio de Janeiro em busca de emprego, de educação e de uma vida melhor. A migração é uma das similitudes que a escritora divide com essa narradora, que igualmente deixou a sua terra natal em busca de melhores condições de vida para si e para sua família. O percurso, delineado por ambas, mapeia experiências diversas de discriminação racial vividas pelas variadas mu-

¹ EVARISTO, 2008, p. 81.

² Segundo Conceição Evaristo, a escrevivência é “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20).

lheres e, ao fazê-lo, esse ponto de vista comprometido evoca novas narrativas que deixaram de ser mencionadas ao longo da história, mas, principalmente, indica que os pretos não são todos iguais, assim como são distintas suas vidas e os desafios que tal condição social impõe.

Ao perseguir a cor dos olhos da mãe, a personagem do conto de abertura indicará, assim, o itinerário percorrido por diferentes narradores por toda a coletânea de modo a resgatar diferentes mulheres e experiências negras, sujeitas que estão ao crônico apagamento social, devolvendo-lhes, nesse processo, o protagonismo de suas existências. Essas mulheres são mães trabalhadoras, esposas que sofrem abusos, filhas estudantes ou prostituídas; são, também, avós que preservam e contam as histórias de suas famílias e de sua comunidade para as futuras gerações, eternizando-as, enquanto rezam pela segurança de todos; surgem ainda como as irmãs que dividem igualmente as perdas e os descaminhos. São personagens de pequenas tragédias recorrentes, mas que fazem emergir um indisfarçável desejo de transformação.

Apesar das agruras enfrentadas cotidianamente e dos desfechos, muitas vezes funestos, como os vivenciados por Ana Davenga no conto homônimo, Duzu, de “Duzu-Querença”, e a menina Zaíta, do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, as personagens desenhadas por Evaristo têm, irremediavelmente, em suas vivências, pelo menos por um momento, a força e o poder para superarem as mortes social, emocional, ou psicológica impostas pelo meio social, mesmo quando não conseguem escapar da morte física, como acontece à Salinda, esposa ameaçada do conto “Beijo na face”.

O livro *Olhos d'água* não tem o mesmo caráter memorialista do romance *Becos da memória* (2006), apesar de os temas e assuntos retratarem muitas possíveis aproximações entre a vida das personagens dos contos e a vida da autora, que justifica a escolha por aproximar tão intimamente a voz autoral à voz das personagens quando declara: “Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também — diz Conceição” (EVARISTO in CAZES, 2016).

Dessa forma a cidadã cumpre por meio de sua escrita o papel de dar voz, trazer à superfície, ao conhecimento do leitor aqueles que foram excluídos da vida dos centros econômicos e de poder. As personagens de Evaristo seguem apagadas até que sua autora lhes possibilite um momento para impactarem a

vida daqueles que entram em contato com sua obra, provocando transformações. Da mesma maneira, a escrita cidadã reflete-se na vida da personagem Bica, por exemplo, que, mesmo reconhecendo que “escrever é uma forma de muito sangrar, muito, muito” (EVARISTO, 2016, p. 109), sabe que a escrita pode transformar e construir sujeitos quando diz: “Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas” (ibid., p. 109). Ou seja, a escritora projetada na narrativa também reconhece a importância de contar as histórias de violência e desamparo vivenciadas nas margens, sempre em crise.

Se os nove primeiros contos de *Olhos d’água* são protagonizados e habitados por mulheres que, de alguma forma, mantêm o controle sobre suas próprias vidas, nos contos “Di lixão”, “Lumbiá”, “Os amores de Kimbá” e “Ei, Ardoca”, a autora apresenta protagonistas masculinos que não conseguem resistir às atribulações, à desvalia e ao desamparo e, por isso, morrem, todos, violentamente.

No penúltimo conto, “A gente combinamos de não morrer”, o leitor encontrará uma profusão de vozes: os diferentes narradores elencados por Conceição Evaristo parecem querer mostrar não apenas que a margem precisa ser escutada, mas principalmente, que os indivíduos que habitam esse espaço não formam uma massa homogênea e devem ser percebidos a partir de suas múltiplas perspectivas e subjetividades que foram fundadas nos diferentes lugares construídos por cada um dos narradores. É preciso salientar que a voz que prevalece no conto é a da mulher.

Evaristo fecha o livro com o conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, em que retoma a trajetória das personagens femininas, bem como as de carne e osso na busca por uma vida melhor. São personagens que estão “plenas de esperança, mas não cegas diante de todas as nossas dificuldades” (ibid., p. 114).

A coletânea apresenta ao leitor, sem mediações ou sentimentalismos, a experiência cotidiana com o racismo e os resultados avassaladores que ele provoca em todas as esferas da vida do indivíduo negro. A autora discute questões tão agudas sem abrir mão da poeticidade, de sua própria história e da esperança. O livro constitui-se, assim, em um exercício de escrevivência, impondo-se contra o silêncio e o esquecimento.

Referências

- BERND, Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica)
- CAZES, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da “escrevivência”. *O Globo*, 11 jul. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928#ixzz4ul5x7hQW>>. Acesso em: 28 set. 2017.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.